

AUTORAS CONVIDADAS

DESBRAVANDO A ESCRITA ACADÊMICA

Laura Rónai¹
Silvia Sobreira²

Resumo: O objetivo deste artigo é apresentar aos pesquisadores iniciantes algumas orientações para a escrita que não aparecem com frequência em textos ou livros sobre metodologia da pesquisa. O texto pretende sanar dúvidas comuns de alunos que ingressam na pós-graduação e melhorar a compreensão de alguns preceitos e exigências da produção textual acadêmica. Abordaremos questões ligadas ao uso da língua portuguesa, apontando vícios de linguagem e escolhas inadequadas. Incentivamos uma escrita pouco hermética, com o intuito de tornar a leitura mais leve e fluida. Elaboramos também uma lista de sugestões específicas para os pesquisadores da área de música.

Palavras-chave: escrita acadêmica; pesquisa; produção textual

Abstract: The purpose of this article is to present to novice researchers some guidelines for writing that do not often appear in texts or books on research methodology. The text intends to solve common doubts of students who enter graduate studies and improve the understanding of some precepts and requirements of academic textual production. We will address issues related to the use of the Portuguese language, pointing out language vices and inappropriate choices. We encourage non-hermetic writing, in order to make reading lighter and more fluid. As a bonus, we created a list of specific suggestions for researchers in the field of music.

Keywords: academic writing; research; text production

Neste texto, procuramos sublinhar elementos para ajudar pesquisadores iniciantes a desbravar o universo da escrita. Nossa meta é salientar aspectos que, embora façam parte das orientações e recomendações de bancas de qualificação e defesa, nem sempre são contemplados em livros ou tratados de metodologia ou mesmo nas regras da Associação de Normas Técnicas-ABNT³. Embora às vezes este texto tenha um caráter normativo, algo que não é recomendado na academia, não seria possível abordar tantos assuntos sucintamente sem o uso de “é preciso”, “deve-se evitar”, entre outras expressões. No entanto, as sugestões aqui trazidas não devem ser

¹ Professora Titular da Escola de Música – Instituto Villa Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

² Professora Associada da Escola de Música – Instituto Villa Lobos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

³ Os alunos e professores da UNIRIO podem ter acesso ao portal Target GEDWeb no qual constam as normas da ABNT ou outros documentos, como o Diário Oficial da União. Basta solicitar o cadastro em: <https://gedweb.com.br/unirio/>.

consideradas regras a serem seguidas, mas direcionamentos que podem ajudar na produção textual.

Quando iniciam o processo de escrita da sua pesquisa, algumas pessoas pressupõem que esse tipo de texto deve ser rebuscado, cansativo e enigmático. Temos a opinião contrária. É claro que uma pesquisa surge de um grande desejo do autor de investigar determinado tema. Assim, o texto deve refletir tal estado de espírito suscitando no leitor interesse similar ao que moveu o pesquisador a dar início ao seu estudo. Para que isso ocorra, é preferível se comunicar da forma mais clara, simples e direta possível. Isso não significa que a escrita possa ser informal ou desleixada. E é uma opinião consensual para muitos pesquisadores, como pode ser conferido na citação abaixo.

O verdadeiro pesquisador não precisa utilizar termos obscuros para parecer profundo. A profundidade e seriedade do estudo pode ser mais bem percebida se o pesquisador utiliza uma linguagem compreensível para o maior número de leitores. (GOLDENBERG⁴, 2004, p. 72).

A escrita acadêmica brasileira é regida pelos padrões indicados pela ABNT. Há diferentes normatizações APA, Vancouver, Chicago, Oxford etc. Então, deve-se seguir as normas adequadas ao destino do texto, por exemplo: trabalhos acadêmicos e científicos no Brasil seguem as normas da ABNT. Textos jurídicos e textos para periódicos seguem as normas estabelecidas pelo periódico ou pela editora de destino. Mas por que tanta exigência? Trabalhos acadêmicos são julgados a partir de parâmetros específicos. Além disso, caso não tivéssemos as regras da ABNT, estaríamos submetidos ao capricho de cada aluno para criar seus próprios padrões. Como não somos habituados à criação de tais parâmetros, a chance de se produzir um texto que, por exemplo, tratasse as citações cada vez de um jeito é enorme. Estabelecendo um padrão único nacional, nenhum estudante precisa se preocupar em pensar qual a melhor forma de destacar um termo estrangeiro ou qual margem funciona melhor: basta consultar um documento elaborado por profissionais que se dedicaram justamente à resposta dessas perguntas.

Reconhecemos que aprender a seguir essas regras pode ser irritante para iniciantes, mas faz parte do “jogo”. Seria lógico que todas as universidades e revistas acadêmicas seguissem os modelos propostos pela ABNT. Mas infelizmente, isso nem sempre ocorre. À medida em que adentramos o universo da escrita acadêmica, percebemos que temos que ler com cuidado todas as exigências dos congressos e periódicos aos quais pretendemos submeter textos e cumprir tais exigências. Se o periódico ou universidade em questão não especifica quais os seus parâmetros

⁴ Texto publicado originalmente em 1997.

de escrita e formatação, pode-se presumir tranquilamente que devem ser seguidas as normas da ABNT.

Como já mencionado, é muito frequente e compreensível a inquietude dos pesquisadores iniciantes diante das regras, que parecem rígidas demais. E realmente, algumas delas não parecem ser intuitivas. Muitas são, de fato, meras convenções. E ainda outras — por terem sido criadas nos tempos da máquina de escrever e das exigências da apresentação do trabalho impresso — parecem pouco práticas nos dias atuais. Por exemplo, o espaçamento de 1.5 entre linhas (já foi de 2) sempre foi necessário por possibilitar aos orientadores ou membros da banca examinadora um local para fazer anotações, algo que pode ser substituído pelos balões laterais dos editores de texto, caso a leitura seja realizada no computador. Também podemos assinalar a exigência de se fazer menção à paginação nas citações, pois ao menos em textos publicados no formato digital, é mais rápido localizar um trecho usando os mecanismos de busca do que procurando pela página. Durante o período da pandemia da Covid-19 começou-se a aceitar textos digitais em bancas de conclusão de cursos, embora ainda haja uma grande preferência, ao menos nos exames finais, de que os textos sejam apresentados impressos. Vale também lembrar que a exigência de textos impressos é para fins de arquivamento – os repositórios em nuvens não são perenes, tampouco seguros.

De todo modo, sempre haverá regras a serem seguidas, e, conforme nos lembra Umberto Eco:

No esporte, na filatelia, no bilhar, na política, quem quer que empregue mal as “expressões-chave”, é olhado com suspeita, uma espécie de intruso, alguém que não é “dos nossos”. É preciso amoldar-se às regras do grupo a que se deseja pertencer. [...] Além disso, para violar regras ou opor-se a elas, importa, antes de tudo *conhecê-las*, e, eventualmente, saber mostrar sua inconsistência ou função meramente repressiva. [...]. (ECO, 1996⁵, p. 48, grifo do autor).

É preciso levar em consideração que existem pelo menos dois tipos de exigências: as éticas e as que estão ligadas aos aspectos formais de apresentação do texto, como o tamanho e tipo da fonte, formatação do parágrafo, modos de apresentar o autor, *layout* da página, entre outros. O não cumprimento dos padrões também mostra descuido do autor e desconhecimento do campo no qual ele pretende entrar. Em qualquer publicação do mundo, a editora ou universidade terão padrões a serem seguidos. O objetivo de tal procedimento é uniformizar e facilitar a leitura. Não é necessário decorar as regras, mas deve-se saber que existem e procurá-las, pois não seguir as regras de formatação pode impedir que o texto seja publicado.

⁵ Texto original publicado em 1977.

Com relação às exigências éticas, estas são as mais importantes: existem para se evitar o plágio e porque fazem com que o autor demonstre cuidado na apresentação das informações dadas. Assim, espera-se que o pesquisador apresente com clareza as referências dos textos que embasam suas argumentações e análises. Por isso, mesmo que não se esteja citando diretamente um trecho, é recomendável que se faça a referência completa, com o número da página no caso de livros. Isso não é apenas uma questão de respeitar uma regra, mas um cuidado que todo pesquisador deve ter, pois mostra o rigor nos procedimentos e o respeito ao autor original.

Citar é como testemunhar num processo. Precisamos estar sempre em condições de retomar o depoimento e demonstrar que é fidedigno. Por isso, a referência deve ser *exata e precisa* (não se cita um autor sem dizer em que livro e em que página), como também, *averiguável* por todos. (ECO, 1996, p. 126).

As normas da ABNT indicam o uso de [...] para destacar os trechos que foram cortados da citação original. Como não há necessidade do uso deste sinal para frases inseridas desde seu início, é comum nos depararmos com citações curtas (aquelas que vêm inseridas no corpo do texto) iniciando com maiúsculas no meio da frase, o que, a nosso entender, é um equívoco e corta a fluência da leitura. Neste caso, não recomendamos a quebra de nossas regras ortogramaticais apenas para obedecer ao original, pois a troca de uma maiúscula por uma minúscula não interfere no conteúdo do que o autor escreveu. Como (mau) exemplo, observe a citação feita anteriormente se fosse inserida em uma frase desta maneira equivocada: Umberto Eco (1991, p. 126) afirma que “Citar é como testemunhar...”.

Ressaltamos que as regras da ABNT não especificam como se deve apresentar as obras. Acreditamos que o sistema autor/data exista para evitar excesso de informações no texto. Por isso, consideramos que seja pouco adequada a utilização de longos textos explicativos indicando o nome completo do autor e o tipo de trabalho. Bastaria o último sobrenome do autor, seguido da data, embora seu nome completo possa constar em sua primeira aparição no texto. Mas na ausência de regras, o melhor, como sempre, é usar o bom senso. Caso seja um livro clássico, talvez seja bom dar o título completo: “Umberto Eco (1971), em *Como se faz uma tese, ...*”

Por falar em títulos de livros: para filmes, peças, *ballets*, obras de arte, séries de TV ou rádio, como não há regras estabelecidas, deve-se destacar o título de alguma maneira e manter o padrão no decorrer do texto. No exemplo da obra mencionada de Eco, usamos o itálico.

Na seção de referências, os nomes dos autores devem vir em ordem alfabética. Caso haja mais do que um livro de um mesmo autor, a listagem desses livros deve ser em ordem

cronológica. Como as referências podem abranger CDs, DVDs, *lives*, entre outras fontes, use apenas o nome “referências” (sem o adjetivo “bibliográficas”). Lembre-se de elencar nesta lista apenas os autores citados no texto. O contrário também é importante: não se deve ter autores no texto que não constem na lista de referências. Ambos os erros são mais do que erros técnicos, pois se configuram como antiéticos. Portanto, após o término do trabalho, é importante conferir com atenção se todos os autores citados estão também nas referências.

O pesquisador tem que estar ciente de sua responsabilidade pelas citações que escolhe. Se o autor citado apresentou alguma informação errada, cabe mostrar ao leitor que o equívoco foi percebido e assinalá-lo usando (*sic*). No entanto, se o intuito for criticar um autor, convém reproduzir o conteúdo e explicitar suas incoerências, afinal, apresentar a contraposição de ideias com as quais não concordamos é algo esperado e cabível em textos acadêmicos (PERROTA, 2004, p. 40). De todo modo, é importante saber usar as citações de maneira fiel, sempre as confrontando com o original, para evitar erros.

Ao introduzir uma citação, é muito comum o equívoco de precedê-la por expressões como “o autor cita:”. É preciso esclarecer que “citar” e “dizer” não são sinônimos. Um determinado autor escreve algo e aquilo poderá ser citado por outro. Citar sempre implica estar trazendo um texto que não é de sua própria autoria. Quando dizemos que um autor “citou”, o que fica subentendido é que esta pessoa de quem falamos usou o texto de uma terceira pessoa. Lembramos também que existem outros verbos além de dizer e falar para apresentar textos de outros autores. Que tal usar “afirmar”, “argumentar”, “apontar”, “explicar”, “explicitar”? Aliás, sempre que uma palavra aparece repetidamente, sugerimos o uso do dicionário de sinônimos. Tais repetições muitas vezes acontecem somente pelo vício do uso do termo mais corriqueiro e podem ser facilmente evitadas.

Outras dúvidas surgem com relação à apresentação de citações. Devem ser precedidas de dois pontos? Devem ser precedidas do nome do autor que será citado? Bem, isso depende. É possível, sim, o uso de dois pontos antes, especialmente quando se trata de uma citação longa. Mas usar sempre esse mesmo recurso torna o texto previsível. Alguns alunos perguntam sobre como escolher citações e se é desejável que o texto contenha muitas delas.

Em geral, usamos uma citação para corroborar o nosso próprio argumento. Ou se começa citando alguém para depois contestá-lo. Mas citações não devem ser gratuitas, só para mostrar que o livro foi lido. E também é preciso chamar a atenção para a estranheza que sentimos ao lermos uma citação que parece ter sido inserida no texto sem que o autor a tenha compreendido. É óbvio que isso deve ser evitado. Caso você não tenha entendido, não use o

trecho ou você correrá o risco de receber uma pergunta no dia do exame a que não saberá responder.

Na ânsia de comprovar a leitura (ou de querer aumentar o tamanho da seção de referências) é comum que se cometa o excesso de citar vários trechos quase que seguidos, com poucas palavras entre eles. Tal procedimento pode deixar no leitor a impressão de que você não tem ideias próprias ou de que não sabe construir um argumento.

Ainda que citações literais sejam bem-vindas, pois colocam o leitor em contato com autores consagrados, [...] o excesso delas afasta o leitor diante do texto que tem diante de si. Ele pode pensar então: *Bem, para que ler esta dissertação se posso encontrar nos livros citados algo mais completo sobre o tema?* (PERROTA, 2004, p. 43)

A autora segue seu raciocínio mostrando que o leitor precisa encontrar no texto algo que indique que o pesquisador “leu as obras citadas *pensando* e não apenas copiando belas frases” (PERROTA, 2004, p.43, grifo da autora). Também, pelo mesmo motivo, é bom evitarmos terminar seções com citações. Claro que isso não é uma regra a ser cumprida estritamente, pois existem situações que podem demandar essa forma, mas ao se ter em mente o que foi explicado até aqui, o pesquisador pode escolher com mais propriedade se deve ou não proceder assim. Porém, evitamos o uso de citações na conclusão do texto, pois isso pode significar que você esgotou o assunto antes da hora (PERROTA, 2004, p. 77).

Lembramos que ao concluir o estudo, não é necessário discutir e explicar os pontos de vista adotados, que já deveriam estar amplamente claros para o leitor. Por este mesmo motivo, muitos pesquisadores evitam, na seção final de seus relatórios, fazer referências aos autores trazidos no estudo, pois consideram que as contribuições daqueles teóricos já foram apresentadas. Quanto a citações de textos lidos em outra língua, elas devem ser traduzidas para o português (com a indicação “tradução nossa” ou “tradução minha”, após a referência), e o texto original inserido na nota de rodapé.

O resumo é obrigatório porque será a primeira coisa a ser lida quando se faz uma busca por um determinado tema. Embora os textos de metodologia indiquem como devem ser feitos os resumos, é comum nos depararmos com resumos que não são claros e que começam com frases que deveriam estar na introdução. Ao iniciar um resumo “No século XIX, no Brasil, ocorreram [...]”, o autor está escrevendo frase típica de contextualização do tema. O texto do resumo tem que conter os objetivos, justificativa, método utilizado, público pesquisado, referencial teórico e resultados alcançados. Não se menciona autores seguidos da data entre parênteses em resumos, pois essa indicação só serve quando se tem o texto completo da

pesquisa à mão para se conferir e os resumos, muitas vezes, são apresentados isolados. Então, use os nomes completos dos autores, sem as datas. Quando o nome de um autor aparece pela primeira vez, ele deve vir completo. Se vem completo no resumo, não significa que não deva vir completo no texto. Resumo e texto são elementos diferentes.

O resumo deve ter apenas um parágrafo e deve ser escrito de forma impessoal. Use frases completas e verbos no passado e evite abreviaturas. Apesar de já termos comentado a inconveniência de frases demasiadamente longas, no caso dos resumos elas são especialmente inadequadas, pois a compreensão do assunto tem que ser imediata e a tradução obrigatória para o inglês torna-se mais complexa.

O estilo da escrita acadêmica e suas especificidades

É importante ressaltar que, como afirmamos, embora seja desejável que o texto acadêmico apresente linguagem simples, isso não significa que ele possa ser escrito de modo informal. Escrever bem não significa escrever complicado. Ser hermético não é uma qualidade. Pense que o seu texto deveria ser acessível para qualquer pessoa de cultura média. A não ser que você pretenda que ele só seja lido por meia dúzia de superespecialistas. Por isso, não é bom exagerar nas inversões. Por exemplo, a frase “Os estudos, no Brasil, que procuram avaliar [...]”, poderia ser muito mais fácil de ser compreendida se tivesse sido escrita de outra forma: “No Brasil, os estudos que procuram avaliar [...]”. Outro exemplo similar: “O presente artigo busca entender a dualidade musical iniciada no séc. XIX”. Essa frase ficaria melhor assim: “No presente artigo, buscamos entender a dualidade musical iniciada no séc. XIX”.

Evite a tentação de descrever aquilo que o texto não é (“na minha tese, não irei fazer análises harmônicas, não irei me debruçar sobre a biografia de Wolfgang Amadeus Mozart, nem pretendo destrinchar todas as suas obras”). É suficiente estabelecer o que seu texto é. Esta recomendação, aliás, se alinha à opinião de Strunk e White, em seu famoso livro *Elements of Style*, um clássico sobre a escrita:

Faça afirmações positivas. Evite uma linguagem não-comprometedora, sem graça, incolor e hesitante. Use a palavra “não” como meio de negação ou em antítese, nunca como meio de evasão. “Ele geralmente se atrasava” [é mais contundente do que] “Ele frequentemente não era pontual” e “Ele não achava que estudar latim era uma maneira sensata de gastar o tempo” [é

menos efetiva do que] “Ele achava o estudo do latim uma perda de tempo”.⁶ (STRUNK; WHITE, 1979, p. 19, tradução nossa).

A redação deve ser clara o suficiente para ser compreendida por colegas que não se especializaram no assunto de sua pesquisa. No entanto, para tudo há um limite. Seu texto será lido por especialistas. Logo, evite explicar em detalhes conceitos que são muito óbvios para a área, pois, na melhor das hipóteses, você trará tédio à banca que irá ler sua pesquisa e, na pior, poderá ofender os membros da banca com tanta explicação sobre assuntos já completamente dominados por eles. Por exemplo, se você for um músico, não caia na tentação de ser preciso demais: “partitura musical”, numa tese sobre música, é exagero. Todos os músicos sabem o que é uma partitura! Caso um conceito seja de uma área de conhecimento específica, diferente da área do texto, sua explicação sucinta deve constar de nota de rodapé.

No que diz respeito às estratégias para se escrever com clareza, devemos evitar frases grandes, pois nem todos temos as habilidades dos escritores experientes. Ninguém tem que ser obrigado a ler dez vezes o que você escreveu para entender o que você quis dizer. Mesmo se estiver correta, uma frase longa demais dificulta a leitura. Uma dica é: se sua frase tiver vírgulas demais, desconfie: ela está pedindo um ponto. Se a informação não merece ser destacada em nova frase, provavelmente não é importante e pode ser eliminada. Por outro lado, um parágrafo deve conter pelo menos duas frases. Evite parágrafos de uma frase só, isolados na página. Com relação às vírgulas, vale a pena consultar uma boa gramática para uma revisão de seu uso. No entanto, lembre-se de, pelo menos, não as introduzir entre o sujeito e o verbo (a não ser em caso de aposto). Em geral, esse engano ocorre quando o sujeito é grande, como na frase a seguir que apresenta uma vírgula desnecessária: “A primeira atividade do ensino da música com bolas sonoras, foi um grande desafio para os alunos.” Segundo Coelho Neto (2013, p.111), separar o sujeito do verbo ou o verbo de seu complemento são erros imperdoáveis.

As gírias ou contrações (“pra” e “tá”, por exemplo) devem ser evitadas, a não ser que estejam dentro de um trecho citado ou quando se apresenta uma entrevista concedida para a pesquisa. Neste caso, deve-se respeitar a fala do participante do estudo. Palavras irônicas, gírias ou expressões de sentido figurado, caso sua presença no texto seja importante, exigem especial

⁶ Make definite assertions. Avoid tame, colorless, hesitating, non-committal language. Use the word *not* as a means of denial or in antithesis, never as a means of evasion. He was not very often on time. He usually came late. He did not think that studying Latin was much use. He thought the study of Latin useless.

atenção para verificar-se como são tratadas pelo manual ou normas que você está seguindo. Segundo o revisor Aristides Coelho Neto (2013⁷, p. 111),

É do próprio do caráter da língua que em determinado momento, as pessoas ou grupos passem a utilizar expressões e gírias que podem ser momentâneas, mas que também podem infiltrar-se definitivamente na língua falada, consolidando-se até mesmo na escrita.

Um texto acadêmico deve ser específico e, por isso, evitamos uma linguagem dúbia, o uso de ironias ou reticências. Conforme afirma Perrota (2004, 40), “o discurso irônico pode ou não ser eficaz para aquilo que se pretende comunicar, para os posicionamentos que se pretende estabelecer”. É importante que o leitor perceba que foi utilizado o percurso da ironia. As aspas podem ser um recurso para indicar essa utilização. Tal recurso pode ser utilizado para gírias ou expressões de sentido figurado, caso sua presença no texto seja importante.

Com relação à especificidade, observe o trecho seguinte: “a resistência ao *cornet* por parte de músicos [...]”. Esse trecho contém um dado demasiadamente vago. Quais músicos? De que países? Em qual período? Outro exemplo: “Os dicionários brasileiros definem o trombone como sendo um instrumento [...]” Quais dicionários? Todos têm a mesma definição?

A questão da especificidade lembra outro assunto similar, que é a apresentação de afirmações bombásticas, sem fornecer exemplos ou fazer referência a qualquer fonte, mesmo que secundária, a não ser que o autor vá embasar particularmente bem o que diz. Caso insista e apresente o conteúdo desta maneira, tem que estar preparado para os questionamentos dos pareceristas ou da banca e é bom ter argumentos sólidos para defender sua posição.

O uso de palavras estrangeiras também deve ser reduzido ao mínimo possível. É melhor usar apenas aquelas cuja tradução seja impossível e sempre escritas em itálico. Isso pode parecer estranho em um mundo no qual estamos acostumados a usar a internet, entrar em sites, mudar nosso look, fazer selfies e usar sistemas de delivery. Contudo, esses termos, apesar da sua origem estrangeira, já foram incorporados ao nosso vocabulário e estão devidamente dicionarizados. É importante saber reconhecer quando um termo tem origem estrangeira para verificar se é esse o caso. Se existir uma forma com grafia em português, o equivalente estrangeiro deve vir em destaque, seguindo as orientações do manual ou normas usadas. Um bom exemplo é a palavra balé. Caso se opte pela forma francesa *ballet*, esta deve vir com a formatação marcada. Indicações de caráter ou andamento de uma peça ou movimento (*Allegro non molto*, *Andante*, *Lento*, *Presto*) devem ser escritas em itálico.

⁷ Texto originalmente publicado em 2009. A edição aqui utilizada, a terceira, foi revista, ampliada e adaptada ao Acordo Ortográfico 2009.

Conforme apresentamos no início do texto, não pretendemos apontar regras, mas sim apresentar algumas condutas que são comuns no meio. Se sua pesquisa aborda temas que impliquem no uso de palavras estrangeiras, talvez valha a pena uma conversa com seu orientador sobre a escrita a ser apresentada. Neste caso, acreditamos que uma nota de rodapé sobre tal escolha poderia resolver o assunto.

Um outro ponto a ser destacado diz respeito à pessoa do discurso que será usada no texto: primeira pessoa do singular ou do plural? A primeira pessoa do plural é a forma mais tradicional de se apresentar textos acadêmicos. Os autores que a utilizam argumentam que toda pesquisa é coletiva: ao menos teve um orientador e um orientando e também se conta a produção acadêmica prévia, de outros pesquisadores. Essa forma de escrita retira o peso egóico do pesquisador, além de propiciar um distanciamento entre ele e seu objeto de estudo. No entanto, com o crescimento das pesquisas de caráter mais pessoal e investigativo, que partem da experiência individual e que, portanto, não necessitam tal distanciamento, aceita-se o uso da primeira pessoa do singular.

Lembramos que atualmente os textos em inglês privilegiam a utilização da 1ª pessoa quando se referem à pesquisa do autor, mas não quando se referem ao que foi feito, ao método ou ao instrumento. É preciso que o autor se posicione: depois de escolhida a pessoa discursiva que será utilizada, é preciso mantê-la até o fim do texto. Contudo, é prudente evitar formulações como “busquei no site da CAPES onde encontrei [...]”. Em geral, as frases podem ser escritas usando-se a voz passiva: “A busca foi realizada no site da CAPES onde foi encontrada [...]”.

Com relação à forma de apresentar ou comentar as figuras que inserimos no texto, devemos ter cuidado com determinadas expressões: gráficos, tabelas, partituras e livros não são pessoas e, portanto, não indicam, não propõem, nem discutem coisa alguma. E principalmente não dialogam. A partitura, a tabela, mas nelas algo é apresentado algo.

Notas de pé de página são explicativas, em geral, como auxílio à melhor compreensão do tema ou remetem especificamente ao lugar da fonte material (em arqueologia, por exemplo), ao contexto, ou ao autor que estudou aquilo e serve de base para aprofundamento ou verificação do dado ou da informação apresentados, úteis para quem quer se aprofundar mais no assunto. Elas também são utilizadas para uma ilustração que o autor considere necessária, mas que cortaria a linha de pensamento se inserida no texto. Se o dado for fundamental e imprescindível para a compreensão da discussão, deve vir dentro do corpo do texto. Anexos são aqueles documentos que vêm ao final do texto, com material adicional utilizado na pesquisa, importantes para a compreensão dos detalhes, mas que não são imprescindíveis para que o leitor entenda o texto: cópias do passaporte do biografado, ou de cartas que ele escreveu, por exemplo.

Apêndices também vêm no final e são secundários, mas, ao contrário dos anexos, contém material escrito por pelo autor.

As frases têm que ter sujeito e predicado. Sujeito e aposto não são suficientes. Assim: “Maria da Silva, professora da UNIRIO, crítica de música, mãe de Ana e Clara, filha de Amélia da Silva Cunha e do engenheiro e escritor Paulo Silva e irmã da designer Fernanda Silva”, explica quem é a pessoa a quem você se refere, mas sem o verbo (“Maria da Silva é professora da UNIRIO, etc...”) não constitui frase.

Nomes de cidades, instituições, pessoas, têm que ser grafados corretamente e sempre da mesma maneira. Assim Uni-Rio, UNIRIO, UNI-RIO, não podem aparecer de todas estas maneiras e muito menos na mesma página. Sem contar que UNIRIO é a única sigla correta. É comum também nos depararmos com o nome de uma cidade alternadamente na língua original e em português (London, Londres ou New York, Nova Iorque). A única situação em que tal disparidade é inevitável é no corpo de uma citação. Se o autor citado, brasileiro, tiver grafado “Nova York” em seu livro, é assim que você transcreverá na sua tese. Mas se você for o responsável pela tradução de citação em língua estrangeira, terá que seguir a grafia dominante, estabelecida por você.

Lembramos que se deve ter especial atenção ao se usar nomes de pessoas, livros ou instituições, para que os erros sejam poucos. É bastante desagradável se você tiver errado o nome de um dos membros de sua banca ou de seu próprio orientador.

Você não precisa usar vários sinônimos por oração para que o leitor entenda o seu ponto de vista: “a pessoa, o ser humano, o sujeito social, tem desejos, vontades e anseios que podem ficar suspensos, interrompidos ou incompletos, gerando e causando irritação, frustração, chateação ou mau-humor”.

Outro erro comum é a tautologia (ou seja, a repetição de uma ideia com palavras diferentes mas de sentido igual ou semelhante): “agrupados ~~e~~ conjuntamente, os instrumentos de sopro podem constituir uma banda”; “a orquestra foi dividida em metades ~~iguais~~”; “o elo ~~de~~ ligação entre o oboé e o fagote é a palheta”; “~~todos~~ os livros consultados foram unânimes em considerar Bach o maior compositor do barroco”, “~~no caminho~~ da trajetória de sua vida, Grieg teve altos e baixos”. Outras redundâncias a serem evitadas: o juiz deferiu ~~favoravelmente~~, surpresa ~~inesperada~~, consenso ~~geral~~, baseado em fatos ~~reais~~, conviver ~~juntos~~, água ~~molhada~~.

Da mesma forma, evite: enfrentar de frente, estudar o estudo, analisar a análise, problematizar o problema, habilitar a habilidade, sentir o sentimento, perceber a percepção, vivenciar a vida, experienciar a experiência, etc.

Quando você for explicar algum termo utilizado, evite usar palavras com a mesma etimologia daquela que você pretende esclarecer: “Mecenato: proteção (especialmente financeira) dispensada por mecenas às artes, literatura, ciências, etc.” Esse tipo de informação, para quem sabe o que é mecenas, é desnecessária. Para quem não sabe, é inútil. Também não é necessário especificar as partes de um todo quando o sujeito é, justamente, o todo: “todos os flautistas, brasileiros e estrangeiros”. Existem flautistas que não sejam um ou outro? Então, simplifique!

Temos notado uma mania recente de traduzirmos o “*work*” do inglês sempre por “trabalho”, quando frequentemente a acepção óbvia é “obra”. “Trabalho”, só braçal ou de parto. O que a gente escreve é uma dissertação, uma tese, um livro, um artigo, uma obra. O que a gente toca é uma peça, uma partitura, uma música. E trabalho de arte não existe.

Alternativas e opções não são palavras sinônimas: alternativas são reciprocamente excludentes; opções são escolhas e podem conviver. O advérbio “inclusive” também não é sinônimo de “aliás”, de “até mesmo” ou “a ponto de”. Só se deve empregar inclusive no sentido de “com inclusão de”. Exemplo: “Vamos utilizar todos os instrumentos, inclusive os exóticos, como a viola de roda”. “Possuir” e “ter” também não são sinônimos. Detenção, posse e propriedade são institutos jurídicos diferentes. Possuir implica ter um direito legal sobre algo. Daí usarmos o termo “posseiro”, para aquele que ocupa terra devoluta e passa a cultivá-la, pois detém a sua posse. “Possuir” pode ser usado também no seu sentido figurado – possuir o corpo de alguém, ou sua alma; estar possuído. Mas a gente tem cabelos ruivos, não possui cabelos ruivos.

Não é necessário dizer que uma coisa é “diferenciada” se ela for simplesmente diferente de outra citada. É melhor começar e acabar uma tarefa do que proceder à sua inicialização e finalização.

“Colocar” é um verbo que se aplica a objetos instalados em algum lugar, situados, localizados: quadros são colocados na parede. Galinhas botam ovos, a gente põe em relevo, e não *coloca* fogo nas vestes, mesmo no auge do desespero. Evite usar expressões como “colocar questões” ou “fazer colocações”.

Diálogo implica em interação, um fala, outro responde. Um ser humano dialoga com outro. Seres humanos não dialogam com obras, e obras não dialogam entre si.

Usar expressões feitas, como “Saberes conceituais, procedimentais e atitudinais”, “levantar questões”, “incitar reflexões”, “propor debates” “caráter polissêmico”, “forma ressignificada” pode ser necessário para a sua argumentação. Mas use tais expressões apenas se não houver maneira mais simples de expressar o que você quer dizer.

“Reflexão” é outra palavra armadilha. E “refletir”, de preferência, apenas o espelho. A gente não propõe reflexões, e evita refletir sobre qualquer assunto (é permitido pensar). Pela mesma razão, não contextualize, não seja paradigmático, não potencialize questões, não problematize. Não exerça protagonismo, nem mencione pertencimento. E elimine “mandatório”, “empoderamento” e “massivo” de seu vocabulário (em português temos a palavra “maciço”, perfeitamente adequada). Em suma, fuja de palavras na moda.

Algumas palavras podem ser usadas como temperos (ou seja, com muita moderação, e nunca mais do que duas simultaneamente): abrangente, ação transindividual, auralidade, código, conceito, conotação e denotação, cotidianidade, decodificar, devires, dialética, diferenciador, discurso (musical), equipamento cultural (para sala de concertos), estrutura (a ser usada apenas quando você for falar... da estrutura da peça, caramba!), estética, excludente, exegética, genealogia dos saberes, *Gestalt*, hermenêutica, historicidade, iconicidade, identitário, idioleto, imagem acústica, imanente, índice, individuação, inerência, inteligibilidade, interpretante, mensagem melódica, metaestabilidade, morfema, objeto, organização hierárquica, paradigma, perceptos, procedimentos, quantidade de informação, referente, remissões, ressignificar, semema, significação, significante, signo, símbolo, sintagma, sistema de convenções, solipsismo, subjacente, taxionomia, teleologia, temporalidade.

Não confunda adjetivo com advérbio. Diferente é diferente de diferentemente. Uma palavra modifica um substantivo (A flauta é diferente do trombone) a outra modifica o verbo (Diferentemente do trombone, a flauta se toca em posição horizontal). Ainda batendo na mesma tecla: mau não é mal. Não seja mal-educado, um mal-entendido destes é horrível... Trocar um pelo outro é coisa de mau gosto, e acaba sendo sinal de mau agouro: bom se opõe a mau e bem a mal. Existe o Lobo Mau, que seria o contrário do Lobo Bom, embora esse último não seja encontrado nas histórias infantis nas quais, em geral, ocorre uma luta entre o bem e o mal. Não se pode usar essas palavras “ora” de um modo, ora de outro (repare que não se escreve hora neste caso).

E já que tocamos no assunto, existem outras pequenas confusões feitas, tanto a respeito da escrita quanto em relação à pontuação, que passamos a mencionar. Cuidado para não confundir as palavras “atraente” e “atrativo”. Uma é adjetivo, a outra, substantivo. Prefira “obrigatório” a “mandatório”.

A palavra “onde” se refere a lugar: “na Itália, onde nasceu Vivaldi”. Se você está mencionando uma época, deve usar “quando”: “no período barroco, quando o trompete...”. No caso de coisas (partituras, livros etc.), use “em que” ou “no qual”: “a sonata de Mozart, na qual se destacam várias passagens cromáticas...”. “Aonde” significa “para onde”, e carrega, portanto,

uma noção de movimentação. Assim a forma correta é “aonde você vai?”; mas quando a noção é de estabilidade, “onde você está?”.

Números são escritos por extenso até dez, depois os redondos (trinta, cinquenta, etc), vão em algarismos a partir de 11.

A nível de pós-graduação, é melhor esquecer e nunca usar a expressão “a nível de”. E em termos de boa escrita, o ideal é não usar “em termos de”.

O hábito de separar a pontuação das palavras provavelmente vem do francês, em que o sinal “:”, as aspas, os pontos de interrogação e de exclamação são afastados da palavra precedente e da seguinte. Mas no Brasil, sinais de pontuação devem vir grudados nas palavras que os precedem, sem espaço. O espaço vem depois do sinal de pontuação. Assim, um texto apertado entre vírgulas, como o que você acaba de ler, é tão chato quanto o que segue. Deve-se, a todo custo, gastar um mínimo de tempo pensando sobre a pontuação.

Depois de dois pontos, sempre use letra minúscula, a não ser que depois dos dois pontos venha o nome de uma pessoa ou instituição.

Uma explicação dentro de uma frase deve ser separada do resto da frase por travessões, não hífens. Exemplo: “Johann Christian e Wilhelm Friedman — ambos filhos de Johann Sebastian Bach — escreveram no chamado estilo galante.”. O travessão (ou risca) não é o mesmo que um hífen nem que uma meia-risca (ou "traço de ligação", ou risca de meio-quadrante). “Sabe-se que hífen é notação gramatical, ao passo que travessão é sinal de pontuação” (COELHO NETO⁸, 2013, p. 111).

- A meia-risca, menor, serve para ligar elementos em série (ex.: 1997–2006 ou A–Z).
- O hífen, ainda menor, serve para unir palavras compostas (ex.: couve-flor) e fazer a translineação (divisão de uma palavra no final de linha).

“Conforme a fonte utilizada, o hífen pode se parecer com o travessão menor. Familiarize-se com a fonte, portanto, identifique um e outro [...]” (COELHO NETO, 2013, p. 111). Note as diferenças:

- Travessão
- Meia-risca
- Hífen

Evite usar “primeiramente”. E nunca use “segundamente”. Além disso, sabemos, por exemplo, que em textos acadêmicos devem ser evitados juízos de valor. O adjetivo não acrescenta nada

⁸ Ressaltamos que apesar da regra da ABNT NBR 623 indicar apenas o último sobrenome, há exceções que se aplicam: quando se trata de sobrenomes que indicam grau de parentesco, de sobrenomes hispânicos ou compostos.

na frase “a belíssima sonata de Geminiani começa com uma dissonância”. Mas um qualificador ou outro pode dar cor a um texto, mostrar seu entusiasmo pela obra ou mesmo apontar uma ambiguidade interessante: “A sonata de Geminiani é de uma beleza perturbadora”.

Após terminar seu relato, procure conferir se não restou nenhuma “linha viúva”, que é quando o título fica sozinho, ao final da página e o restante do texto ao qual ele pertence na seguinte. Existe um comando específico de formatação no *Word* para impedir que isso aconteça.

Encerramos esta seção acrescentando que não é nenhuma vergonha pagar um revisor para corrigir os erros de português do seu relato de pesquisa ou artigo. Por melhor que você escreva, vários erros irão se esgueirar para dentro de seu texto. Não cabe à sua banca fazer uma revisão ortográfica e gramatical, e na verdade também não deveria ser o trabalho de seu orientador. Fazer seu orientador ler um texto mal escrito e confuso acabará obrigando-o ter o trabalho de um revisor, o que pode impedi-lo de oferecer sugestões verdadeiramente valiosas relativas ao conteúdo.

Sugestões específicas para as pesquisas da área da música

Frequentemente, ao orientarmos nossos mestrandos e doutorandos, nos deparamos com uma noção muito equivocada: músicos acham que não precisam saber escrever, basta tocarem/cantarem bem que o resto “se arranja”. Nada mais longe da verdade! Além das habilidades musicais necessárias, pós-graduandos em música precisam saber se comunicar pela escrita. Para facilitar a vida de quem ainda não tem muita experiência em produzir textos, aqui vão sugestões especialmente pensadas para os alunos de música, várias delas baseadas nas instruções que a revista *Fanfare*⁹, especializada em crítica de gravações, remete a seus articulistas:

- O título não deve ser imenso nem muito complicado – e deve dar ao leitor uma idéia de qual o assunto da tese. É permitido usar um título duplo, como “*Scintillações nostálgicas: Música publicada na imprensa do Rio de Janeiro durante a Belle Époque*”; “O amor na voz de Barbara Strozzi: Questões de gênero e sexualidade na obra da compositora e cortesã veneziana do século XVII”.
- Se você for incluir no seu texto biografias de compositores, cuidado! Qual ordem vai ser usada? Quais dados são importantes? Faça uma lista (tipo: data e local de nascimento e morte;

⁹ Disponível em: <https://fanfarearchive.com/indices/itop/issues/index.html>. Acesso em 06 jun 2022.

principais professores; em que cidades atuou etc.) e forneça SEMPRE as mesmas informações, na mesma ordem.

- Os tamanhos de biografias têm que seguir algum tipo de padrão. Não pode haver uma biografia com uma linha, outra com seis páginas, a não ser que não dê para evitar tal discrepância. Por exemplo, se a importância de um músico for 200 vezes maior do que a de outro.
- Pode não ser necessário especificar toda a instrumentação para uma obra familiar:
SCHUBERT Quinteto para piano, “A truta”
BEETHOVEN Septeto
DVORÁK Serenata para sopros

Em outros casos, no entanto, pode ser necessário ou até desejável indicar a instrumentação de uma peça:

- Use Algarismos arábicos nos títulos das obras musicais. Não escreva os números por extenso em português ou em qualquer outra língua. Evite algarismos romanos.
TELEMANN Trio Sonata para flauta-doce, viola da gamba e contínuo em fá maior
- VIVALDI Concerto para violino, 2 flautas doces, 2 oboés, e orquestra em sol menor, RV 557, “per l’orchestra di Dresda”
DEBUSSY 3 *Nocturnes*
BRAHMS 4 *Ernste Gesänge*
SCHULLER 7 *Estudos sobre temas de Paul Klee*
BEETHOVEN Concerto para piano n.º. 3

Existem exceções, é claro:

- GABRIELI *Canzon septimi toni*
- HAYDN Sonata para piano n.º. 52 em mi maior, Hob XVI:49
- CAGE *Five*
- Harry Christophers, reg.; *The Sixteen*

- Usar ou não a língua original de uma obra ao se referir a ela é evidentemente uma escolha pessoal. Mas como regra geral, português é melhor quando a língua original puder ser considerada exótica para a maior parte dos seus leitores ou quando o original usa um alfabeto não latino. Assim:

- Dos campos e bosques da Bohemia* [NÃO *Z ceskych luhu a halu*]
- A donzela de neve* [NÃO *Snegurochka*]

No entanto, nos casos em que o título original (estrangeiro) for de uso comum, ele deve ser utilizado:

- La Mer* [NÃO *O mar*]

Títulos genéricos devem ser dados em sua forma portuguesa, independentemente do país de origem:

Sinfonia n.º 3 [NÃO Sinfonie Nr. 3]
 Quarteto para cordas em sol [NÃO Quatuor pour cordes en Sol]

Cuidado, porém: Villa-Lobos escreveu um Quarteto para flauta, oboé, clarineta e fagote que ele mesmo designou como *Quatuor*. Assim, eis aí a proverbial exceção que confirma a regra.

● O uso de maiúsculas nos títulos de obras musicais é uma verdadeira armadilha, mas aqui vão algumas dicas:

<i>Alemão:</i>	Primeira palavra; cada substantivo subsequente, inclusive adjetivos derivados de substantivos.
<i>Espanhol:</i>	Primeira palavra; a primeira palavra principal (caso a primeira palavra seja um artigo); nomes próprios, mas não adjetivos derivados de substantivos.
<i>Francês:</i>	Primeira palavra, a primeira palavra principal (caso a primeira palavra seja um artigo); todos os nomes próprios
<i>Inglês:</i>	Primeira palavra e cada palavra subsequente (excluindo artigos, conjunções, preposições curtas, etc.).
<i>Italiano:</i>	Primeira palavra; nomes próprios.
<i>Latim:</i>	Primeira palavra; nomes próprios e adjetivos derivados de substantivos.
<i>Sueco, Norueguês, Dinamarquês:</i>	igual ao espanhol
	<i>The Turn of the Screw</i>
	<i>Der fliegende Holländer</i>
	<i>Prélude à L'Après-midi d'un faune</i> [título dentro de um título]
	<i>Fantasia para un gentilhombre</i>
	<i>Il trovatore</i>
	<i>Ave verum corpus</i>

● Ainda em relação ao uso de línguas estrangeiras: gosto não se discute. Porém, se você está escrevendo para leitores que falam português, não é necessário exibir seu conhecimento de húngaro ou islandês, por mais que você se sinta orgulhoso de dominar uma língua tão rara. Por outro lado, se você está mencionando um título, nome de grupo musical ou peça, e não sabe qual a tradução correta, deixe da maneira como aparece no livro (ou partitura, ou capa de CD). Mas usar os títulos originais de grupos bem conhecidos por aqui, como *Berliner Philharmoniker*, dá uma impressão de pretensão, e deve ser evitado.

● Algumas peças são identificadas tanto com a pessoa que as escreveu quanto com a pessoa que fez o arranjo. Ou a existência de uma gravação específica pode ser devida ao arranjador. Em tais casos a praxe é dar aos dois o mesmo destaque:

MUSSORGSKY-RAVEL *Quadros de uma exposição*

BACH-STOKOWSKI Tocata e Fuga em ré menor, BWV 565

Reserve o traço inclinado para colaborações verdadeiras (ou seja, compositores que de fato escreveram uma peça juntos): CHICO BUARQUE DE HOLANDA/MILTON NASCIMENTO *O cio da terra*.

- Se você menciona um compositor conhecido, como Bach ou Mozart, pode imaginar que seu leitor já saiba sua nacionalidade e a época em que viveu. Mas se você citar um nome menos conhecido, é bom oferecer um mínimo de informação sobre a figura. Por exemplo: “Johan Helmich Roman, compositor barroco sueco”, é muito melhor do que simplesmente “o compositor Roman”. Se você não quer se alongar, ofereça pelo menos as datas de nascimento e morte entre parênteses.
- Mas cuidado: como explicamos acima, uma ou duas palavras sobre o autor que você está citando caem bem: “o teórico alemão Fulano” é melhor do que apenas “Fulano”, porque situa Fulano no tempo e no espaço. Mas “O autor fulano” não acrescenta nada, é pura encheção de linguiça. Obviamente todo texto citado é de um autor!
- A mesma coisa vale para eventos e acontecimentos. Assim, “quando foi inventada a escrita para teclado, as tablaturas...”, é vago demais. Que tal situar seu assunto dentro de uma década, ou pelo menos de um século?
- Evite verbos substantivados, como “o saber musical” ou o “fazer musical”. Estão na moda agora, mas logo ficarão datados. Podem e devem ser substituídos pelos substantivos que já existem e são perfeitamente adequados: o conhecimento musical, a atividade musical.
- Palavras como “sonata”, “compasso”, “tonalidade” são insubstituíveis, e podem, portanto, ser repetidas. Termos exóticos, ou palavras fortes (“permear”, “ondulante”, “exegese”, “sugestionável”) podem ser usados uma vez, duas no máximo, e com dez páginas de espaço entre si. Utilize um dicionário de sinônimos, caso necessário. Aliás, vamos lá: utilize SEMPRE um dicionário!!!!
- A onipresente “performance” deve ser evitada. Em português existem as palavras “execução”, “interpretação”, “apresentação”, “concerto”, “desempenho”. Ô língua rica, meu Deus! O problema é que palavras de origem estrangeira sempre “travam” a leitura. Costumamos sugerir que o uso de “performance” seja restrito aos casos em que designa apresentações musicais com um quê de teatral, por exemplo uma em que o pianista fechasse a tampa do piano, subisse nele e fizesse bolhas de sabão através de uma flauta doce.
- Alguns autores grafam o nome das notas ou das tonalidades com a letra inicial maiúscula: “a nota Fá tende a ser alta na flauta barroca” ou “a sonata é em Ré Maior”. Essa é uma herança mal assimilada dos países anglo-saxões em que frequentemente as tonalidades maiores são

designadas pela letra correspondente em maiúscula, e as menores em minúscula. Assim, ao lermos “Oboe duet in A; Trio in e” sabemos que a primeira peça é em lá maior e a segunda em mi menor. Em português, em que tal tradição inexistente, não faz sentido manter a caixa alta em qualquer dos casos. Ainda é aceitável usar maiúsculas e minúsculas para distinguir as notas das tonalidades: “o fá sustentado da seção em Dó”; Mas se você optar por esta maneira de escrever, preste atenção para ser consistente. Na dúvida, use minúsculas sempre.

- E por falar nisso: consistência é uma grande virtude. Pense nisso nos casos em que existem diferentes maneiras de grafar uma palavra ou um nome. Se você usa “clarineta” no primeiro parágrafo, não recorra a “clarinete” no terceiro; se está escrevendo uma tese sobre “Clair de lune” de Debussy, não se refira a ela como “Luar” apenas para variar. No caso de compositores cujo nome tem diferentes grafias (Kapsberger, Kapsperger), escolha uma, justifique sua escolha (pode ser em pé de página) e escreva sempre da mesma maneira.
- Ofereça exemplos musicais sempre que necessário para deixar seu argumento mais claro. E na legenda do exemplo, ou acima dele, especifique qual o compositor, a obra, o movimento e o número de compasso. Mas não exagere na inserção desses exemplos! Como explica o musicólogo Dallas Kern Holoman (editor de *19th Century Music*),

[...] o melhor é manter o número, comprimento e complexidade dos exemplos musicais a seja qual for o mínimo que ainda permita aos leitores acompanhar o raciocínio do autor. Exemplos musicais são chocantemente caros e gastam muito tempo; e erros escapam à atenção mesmo das pessoas mais atentas no processo de publicação¹⁰. (HOLOMAN, p. 35-6).

Como se pode perceber, mais importante do que seguir todas as regras é exercer o bom senso e procurar demonstrar o rigor e seriedade na apresentação do estudo. Procuramos mencionar os problemas que encontramos nas orientações e estamos cientes de que ainda restariam outros, no entanto, a proposta não era fazer um tratado de escrita, mas fornecer orientações gerais para aqueles que se iniciam na escrita acadêmica.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: informação e documentação: referências: elaboração. 2. ed. Rio de Janeiro, 2018.

¹⁰ It is best to keep the number, length and complexity of musical examples to whatever minimum level still allows the readers to make their way through the author’s reasoning. Musical examples are shockingly expensive and time-consuming, and errors slip past by even the most perceptive in the process of publication. (tradução nossa)

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 14. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.

COELHO NETO, Aristides. *Além da Revisão. Critérios para revisão textual*. 3. ed. rev. amp., 2013.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar. Como fazer pesquisas qualitativas em Ciências Sociais*. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2004.

HOLOMAN, D. Kern. *Writing about music*. Berkeley: University of California Press, 1988.

PERROTA, Claudia. *Um texto para chamar de seu. Preliminares sobre a produção do texto acadêmico*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

STRUNK JR., William; WHITE, Elwyn Brooks. *The Elements of Style*. 3. ed. New York: MacMillan Publishing Co., 1979.